

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

Maria Izabel Machado
(Organizadora)



SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

Maria Izabel Machado
(Organizadora)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Sociologia: das ausências às emergências 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadora: Maria Izabel Machado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: das ausências às emergências 2 / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-471-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.716212009>

1. Sociologia. I. Machado, Maria Izabel (Organizadora).
II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A obra *Sociologia: das ausências às emergências 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, desde o olhar sociológico. Figurando como jovem ciência em comparação com outros campos do saber, a sociologia nos permite lançar o olhar sobre temas ausentes e emergentes em diversos contextos.

Os capítulos que seguem estão organizados por proximidade temática respeitando as especificidades próprias desse campo do saber: o olhar empírico, a busca de explicações e, por que não, a busca de alternativas.

Tensões sociais em torno da demanda por transformações, bem como as forças conservadoras são trazidas no conjunto inicial de trabalhos que abrem a obra: movimentos sociais, novos atores e agentes e as disputas acerca do território, das fronteiras e das possibilidades de existências outras.

Na segunda parte chamam a atenção capítulos sobre o ameaçado direito ao trabalho e de livre circulação. Frente a isso se coloca a questão: como oferecer uma educação integradora, capaz de superar dualismos?

O terceiro e último bloco traz contribuições significativas acerca do campo educacional em interface com outras áreas como a saúde e a religião. AS questões sobre território, diferenças étnicas e sistema escolar nos convidam a pensar formas outras de produção e validação de saberes.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

COMUNICACIÓN, ORGANIZACIÓN, IDENTIDAD E IDEOLOGÍA: CATEGORÍAS DE ANÁLISIS DE UN MOVIMIENTO URBANO POPULAR

Félix Leonardo Pérez Verdugo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120091>

CAPÍTULO 2..... 21

INTERAÇÕES ENTRE PRÁTICAS POLÍTICAS E ORDENS ESTATAIS: A EXPERIÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES DE CANNABIS NO EQUADOR

Andrés Fernando Rodríguez Mera

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120092>

CAPÍTULO 3..... 33

MOVIMIENTOS SOCIALES EN EL CAMPO MEXICANO 1940 A LA FECHA. DE LA LUCHA CONTRA LA HACIENDAS A LA LUCHA CONTRA EL EXTRACTIVISMO

Armando Sánchez Albarrán

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120093>

CAPÍTULO 4..... 58

O TRABALHADOR E OS ILEGALISMOS NA FRONTEIRA ENTRE PEDRO JUAN CABALLERO E PONTA PORÃ

Maurílio de Sousa Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120094>

CAPÍTULO 5..... 70

O CARÁTER INTEGRAL NO CURSO INTEGRADO DO IFSP - SÃO CARLOS

Karoline Emanuelle Galli Fonseca

Carlos Eduardo Guimarães

Marcelo de Godoy Domingues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120095>

CAPÍTULO 6..... 78

PROJETO SOLIDARIEDADE: CENTRO OPERACIONAL DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS – COMSE

Victoria Isabella Nakaba Soster

Nicole Hortmann Bet

Juliana Grebos

Andressa Francine Paes Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120096>

CAPÍTULO 7..... 90

SEM TERRITÓRIO, SEM EDUCAÇÃO: A POLÍTICA DE DEMARCAÇÃO DE TERRAS E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120097>

CAPÍTULO 8..... 99

O ROCK ENQUANTO PROPOSTA PEDAGÓGICA INOVADORA

Marcos Roberto Mesquita

Gabriel Schmitt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120098>

CAPÍTULO 9..... 113

SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO – ANÁLISE DO IMPACTO SOCIAL DA CONFSSIONALIDADE

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiberger

Dreone Mendes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7162120099>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 121

ÍNDICE REMISSIVO..... 122

O ROCK ENQUANTO PROPOSTA PEDAGÓGICA INOVADORA

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 07/06/2021

Marcos Roberto Mesquita

Sociólogo, mestre em Sociologia e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é professor de Sociologia no Instituto Federal Catarinense (IFC), campus Videira - SC
<http://lattes.cnpq.br/8235205396377303>

Gabriel Schmitt

Sociólogo, mestre e Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professor de Sociologia no Instituto Federal Catarinense (IFC), campus Videira - SC
<http://lattes.cnpq.br/0889238562568082>

RESUMO: Busca-se discutir sobre o rock, estilo musical mundialmente conhecido, como ferramenta metodológica para as aulas de Sociologia na rede federal tecnológica de ensino. A reflexão sobre o rock terá como escopo o questionamento da realidade social e de expressar uma forma de movimentar o corpo, manifestando um estilo de vida, especialmente entre os jovens. O artigo também resgata um pouco das experiências do projeto de extensão “Escola de Rock: um olhar sociológico sobre o rock’n’roll”, desenvolvido no IFC, campus Videira nos anos de 2019 e de 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Rock. Sociologia. Metodologia de ensino.

ABSTRACT: The aim is to discuss rock, a world-renowned musical style, as a methodological tool for sociology classes in the federal technological teaching network. The reflection on rock will be aimed at questioning the social reality and expressing a way of moving the body, manifesting a lifestyle, especially among young people. The article also rescues some of the experiences of the extension project “School of Rock: a sociological look at rock’n’roll”, developed at IFC, Videira campus in 2019 and 2020.

KEYWORDS: Rock. Sociology. Teaching methodology.

1 | INTRODUÇÃO

O rock é um gênero musical que, indo além de um mero estilo de música, influenciou novos padrões de convivência, de moda, atitudes e linguagens. Tais características, e seus efeitos sociais, fizeram com que o *rock and roll* alcançasse um expressivo apelo massivo e mundial.

Com a “marca” da contestação dos valores tradicionais das sociedades, estas canções podem auxiliar a aprendizagem de conceitos sociológicos devido à ampla e diversa produção cultural musical levada à cabo por roqueiros brasileiros e estrangeiros. Assim, faz-se inegável a relevância das reflexões críticas sobre a sociedade, a economia, a política, a cultura e ao estilo de vida dos indivíduos e das sociedades contempladas por muitas destas músicas.

Enquanto instrumentos e recursos pedagógicos que venham a despertar com mais intensidade o interesse pelos temas demandados pela Sociologia no ensino formal, os produtos e símbolos culturais musicais, entre eles o Rock, destacam-se haja vista seu caráter de fácil assimilação e difusão executados especialmente através do conjunto dos meios de comunicação de massa contemporâneos. Por sua vez, dentre os produtos e símbolos culturais musicais, sobressaem-se aqueles que possuem um potencial de maior receptividade por parte da faixa etária que atualmente faz parte do nível de ensino que se refere à aplicação desta disciplina na educação regular. Ipsi literais, trata-se aqui da faixa etária que comumente gira em torno dos 15 aos 17 anos de idade, que cursa o Ensino Médio da educação básica, e que possui um apelo que é próprio das características humanas juvenis as quais dizem respeito aos ideais de busca por maior autonomia, liberdade e reconhecimento individual e coletivo.

Desde o seu nascimento, lá nos anos 1950 nos Estados Unidos, o rock influencia diretamente no comportamento dos jovens. Neste início, além dos jovens, e em um sentido coletivo, o novo gênero contribuiu com a causa do movimento dos direitos civis dos negros nos EUA, haja vista que tanto brancos quanto negros se interessavam pela nova música. Contudo, foi a partir dos anos 1960 que as canções de rock passaram a tratar mais intensamente de questões relacionadas à política, a temas sociais, econômicos e culturais, especialmente pela influência de Bob Dylan (artista estadunidense, nascido em 1941 e prêmio Nobel de Literatura em 2016). Nos anos 1970 o rock crítico ganha mais força com o advento do *Punk Rock* e do *Hardcore*.

Levando em conta os ideais acima referidos, identifica-se no rock uma fecunda fonte de elementos objetivos e subjetivos para se trabalhar pedagogicamente o ensino de Sociologia. Adiante, portanto, será foco deste trabalho explicitar os motivos pelos quais tal gênero musical possui considerável possibilidade de alavancar um interesse maior, por parte dos discentes, no que se refere às obrigações e práticas didáticas demandadas pela Sociologia. Ademais, almejaremos esclarecer o potencial que se apresenta quanto à dimensão pedagógica que ainda pode ser mais conhecida e trabalhada tanto em relação ao conteúdo das letras e melodias quanto no que diz respeito ao aproveitamento de procedimentos e metodologias que se apresentam enquanto perspectiva à Sociologia no que concerne ao gênero musical aqui recortado.

As experiências vivenciadas ao longo do projeto de extensão “Escola de Rock: um olhar sociológico sobre o *rock’n’roll*”, do Instituto Federal Catarinense (IFC) – campus Videira, realizado nos anos de 2019 e de 2020, ajudaram para que fosse pensado sobre como utilizar o rock como ferramenta de ensino. Em 2020, o projeto ocorreu de forma remota através de uma página no Instagram: @projetrockifc.

2 | UM POUCO MAIS SOBRE O ROCK

Como estilo musical o rock surge nos EUA na década de 1950, com a influência do blues, do jazz e da cultura negra. Não se pode deixar de mencionar que o rock se transformou ao longo das décadas em um produto cultural que foi consumido inicialmente na sociedade estadunidense e depois se espalhou por várias partes do planeta. É uma manifestação cultural, que faz uma reflexão sobre a sociedade e as relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Deste modo, o rock passou a ser um elemento de expressão da juventude, que questionou os padrões e os valores morais e comportamentais da sociedade.

No início do rock surgiram alguns músicos e intérpretes geniais, tais como Chuck Berry, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Sam Philips, entre outros. Sobre Elvis Presley, Anaz (2013) faz uma interessante reflexão: “Um jovem branco com voz de negro cantando canções que eram misturas dançantes e explosivas de rhythm’n’blues, country e gospel, baseadas na sonoridade nervosa que o rock’n’roll representava naquele momento.” (p. 14). Anaz argumenta que Elvis se transformou no rei do rock e desenvolveu o *rockabilly*, um tipo de rock que tinha influência da música *country* e era dançante. Os EUA viviam um momento de segregação racial e o rock possibilitou que adolescentes e jovens negros invadissem o espaço dos brancos e vice-versa para dançarem e cantarem juntos, o que, segundo Anaz, ignorava as políticas segregacionistas. Por isso, Chuck Berry, nome importante do começo do rock, chegou a dizer que o rock fazia mais para combater o preconceito racial do que as políticas do governo estadunidense.

Berras (2012) afirma que o rock é uma relevante manifestação cultural, que está presente na sociedade não apenas na música, mas também na moda, na cultura popular e na política. Deste modo, o rock trata de questões vinculadas aos conflitos que estão presentes no cotidiano de uma sociedade. Um ponto salientado por Berras é que o rock interfere diretamente na esfera política, econômica, social e cultural e ao mesmo tempo é influenciado por ela.

O rock se caracteriza por sua diversidade, pois há vários tipos de rock e, independentemente do tipo, ele sempre se baseia em uma liberdade criativa que influencia jovens e adultos em várias partes do planeta. O rock pode ser visto como um grande movimento organizado por jovens após a Segunda Guerra Mundial. Além disso, o rock modificou a forma dos jovens se vestirem, de encarar a vida e de protestarem.

Nesse sentido é que Abdala (2010), ao tratar das chamadas “estéticas da existência”, manifesta que o rock expressa muito mais que um gênero artístico, trazendo um conjunto de associações simbólicas e de comportamentos, sendo que o mercado cultural levou à disseminação do estilo das bandas, utilizando-se das vestimentas, por exemplo, como uma espécie de código. Ocorre, assim, a dinâmica entre a identidade e a alteridade, a fusão do individual com o coletivo, a relação do si mesmo com o outro.

Na visão de Prado (2018), o rock atingiu os elementos sensoriais, psicológicos,

afetivos e comunicacionais dos jovens, pois este estilo musical foi um instrumento de interlocução da juventude com o mundo ao seu redor. Este autor menciona que há uma forte relação entre comportamento rebelde dos jovens e o rock. Prado explica que dois grupos de rock marcaram a juventude nos países centrais e nos periféricos, trata-se das formações de Bob Dylan e de Rolling Stones. Por exemplo, Dylan denunciava em suas músicas o racismo, o militarismo e a corrida armamentista, já os Rolling Stones subverteram a música, a moda e as artes.

Vale salientar que o rock pode ser um elemento criador e influenciador de uma identidade juvenil, sobretudo por dar voz aos jovens e por representar medos e desejos da juventude. Demarchi (2006) afirma que os jovens são os principais consumidores das canções produzidas pelo rock. Este autor relata que o rock é uma música feita por e para jovens, além de ser um elemento catalisador de uma nova linguagem que se criava no plano internacional, uma linguagem tipicamente juvenil.

Nas palavras de Demarchi, o rock vai além de canções, pois cria outros signos, como as roupas, o cabelo, a forma de dançar, além de outros elementos que vão caracterizar o que é ser jovem. “O rock surge então como uma linguagem especificamente juvenil denotando, tanto na contribuição das canções quanto na forma de apresentá-las, uma série de rupturas com o ‘mundo adulto’”. (Demarchi, 2006, p. 27).

Gatto (2011) faz uma interessante reflexão sobre o rock e sua relevância social e cultural: estilo musical desenvolvido no Capitalismo, que dependeu em sua produção artística da eletricidade, pois a guitarra e o baixo elétricos são a base da organização musical do rock. Além disso, o público receptor do rock é constituído sobretudo por jovens, sendo ainda o rock uma mercadoria fundamental de consumo simbólico da juventude. Este autor menciona que não é possível pensar o rock sem se refletir sobre a indústria cultural, pois o rock é mais do que um estilo musical, ele é um fenômeno social, um discurso, uma forma de identidade e até de criar identidades, bem como um produto que se insere na economia de mercado.

Outro aspecto salientado por Gatto (2011) é que, como em outros estilos musicais, no rock há uma pressão entre a autonomia do artista e a vontade de lucrar das gravadoras. Assim, em diversos momentos, os roqueiros não possuem a devida liberdade e autonomia para compor e gravar suas músicas, já que são pressionados para criar o que dará mais sucesso e conseqüentemente mais lucro às gravadoras.

3 | O “TERRITÓRIO DO ROCK” COMO RECURSO PARA A SOCIOLOGIA

Enquanto reflexo do pós-guerra e dos contextos políticos e econômicos que lhes dizem respeito,

o rock tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens

Como processo iniciado mais especificamente a partir da década de 1950 nos Estados Unidos, o rock é resultado de todo um repertório musical e cultural advindo de outros estilos e gêneros, que igualmente se fizeram presentes de forma mais contundente em solo estadunidense, tais quais o blues, o country, o folk, o jazz e a até mesmo a música clássica. Anaz (2013) afirma que o rock passou por várias mudanças ao longo das décadas de sua existência e se transformou no gênero musical mais popular, mais bem sucedido e mais polêmico da história.

Em terras brasileiras, no início dos anos 1960, em uma época em que a Bossa Nova ainda simbolizava de forma predominante o cenário musical, o rock lançou suas sementes pioneiras por meio do movimento musical da Jovem Guarda. Representado por Roberto Carlos, Wanderléa e Erasmo Carlos, o rock brasileiro assumiu suas primeiras roupagens e iniciou seu processo de propagação na sociedade nacional. Nos anos 1970 outro nome forte do rock brasileiro começa a fazer sucesso, a paulistana Rita Lee, que junto com Arnaldo Baptista e Sérgio Dias formou Os Mutantes, que segundo Petillo (2013), conseguiu influenciar de Gilberto Gil a Kurt Cobain, além de trazer para o rock um pouco da Tropicália. O álbum mais importante de Os Mutantes é “A divina comédia ou Ando meu desligado” de 1970, esse álbum vai influenciar os indivíduos que queriam produzir rock no país.

Neste sentido é que, convergindo com o estudo da história do rock internacional e brasileiro, e pensando na concepção de procura de um “sentido de vida” aliado a este gênero musical, Rochedo (2011) aponta que o rock é uma arte que surgiu da necessidade de a juventude enfrentar os padrões morais e comportamentais, considerando a experiência de jovens de diferentes classes sociais e suas perspectivas para ingressarem na esfera pública, assumindo responsabilidades sociais. Sendo que, para falar dos jovens, é preciso distinguir períodos históricos distintos, geracionais, com características sociopolíticas próprias.

Seguindo pelo mesmo caminho analítico, Grande (2006), em sua tese de doutorado, anota que, irrefutavelmente, no rock, há uma estética característica da juventude que foge aos padrões e cujo objetivo de ser também é variado, pois, além do ideal de “chocar”, ou mesmo “agredir”, há a esfera de afirmação em que tais valores representam uma desconstrução dos valores anteriores. Assim, entram em cena os adornos e o próprio corpo, isto é, trata-se de uma estética em que a emoção permanece ligada ao próprio sentido da vida.

Somando-se à perspectiva reflexiva acima, Chacon (1983) sinaliza que:

O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a

Ainda que levem em conta as características que são peculiares a diferentes gerações e culturas, os autores acima procedem com uma constatação que, acima de tudo, acaba por assemelhar tempos e espaços sociais distintos por meio de um mesmo gênero musical haja vista que se trata de refletir acerca do aspecto subjetivo que o rock carrega a juventudes de coletividades as mais diversas. Desta forma, tal diagnóstico introduz justificativas e fundamentações relevantes acerca do que mais a frente iremos abordar quanto a possibilidades de se trabalhar pedagogicamente com o rock na disciplina de Sociologia.

4 | MÚSICA COMO METODOLOGIA ATIVA PARA AS AULAS DE SOCIOLOGIA

O uso de músicas nas aulas de Sociologia é uma Metodologia Ativa, que se diferencia de metodologias de ensino tradicionais e permite que se chame a atenção dos alunos para os conteúdos com novas técnicas. Camargo e Daros (2017) afirmam que há atualmente a necessidade de levar aos alunos outros tipos de conhecimento e permitir que eles possam ter uma participação mais ativa nas aulas. Essa participação mais ativa só será possível se o professor utilizar novas estratégias de aula, que permitirão um aprendizado mais interativo e mais relacionado com as situações reais. É neste contexto que a música, mais especificamente o Rock, pode ser útil no processo ensino-aprendizagem da disciplina Sociologia.

A estratégia de utilização de música serve para o auxílio da compreensão de diferentes assuntos na disciplina Sociologia. Ao mesmo tempo em que possibilita que os alunos analisem os temas trabalhados em sala de aula de forma crítica e embasada em conceitos sociológicos. O uso de músicas em aulas de Sociologia pode permitir que se desenvolva nos alunos a capacidade de refletir acerca de sua própria participação no mundo.

Tal como afirma Paiva (2016), o uso de músicas de rock nas aulas de Sociologia permite que se trabalhe os conteúdos de maneira lúdica e criativa, o que pode ampliar o envolvimento dos alunos nas aulas. A autora demonstra que o rock brasileiro dos anos 1980 teve um papel de difundir críticas e insatisfações sobre o Brasil e seus problemas, tal como se pode verificar na produção das seguintes bandas: Titãs, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Cazuza, Plebe Rude, Ira, entre outros.

Apontando elementos pertinentes a este contexto e a muitos destes mesmos artistas, Zan (2001), por exemplo, evidencia que a produção dessa nova geração de roqueiros traduz uma certa irreverência e rebeldia juvenis no momento marcado pelo fim da ditadura militar e pela mobilização nacional em torno da bandeira das eleições diretas. Não obstante, tudo isso também reflete, de forma marcante, e como pano de fundo, a consolidação da cultura de massa no Brasil, associada à intensa urbanização, à formação

de uma sociedade de consumo, à expansão da indústria cultural e à inserção do país no processo de mundialização da cultura.

De qualquer forma, enfatizando o caráter de arte contestadora, Paiva (2016) destaca que a música, mais especificamente o rock, pode vir relacionado a uma crítica social e a uma reflexão sobre ideologias. Paiva argumenta que já há autores que falam até da necessidade de se criar uma Sociologia do Rock. Uma música de rock exemplificada pela autora como fonte de reflexão sociológica é Veraneio Vascaína (composta por Renato Russo e Flávio Lemos), da banda Aborto Elétrico, mas que fez sucesso com o Capital Inicial (1986) e que trata da repressão policial durante a Ditadura Militar (1964-1985). Neste artigo falaremos de como as músicas “Uns iguais aos outros” do Titãs e “Admirável chip novo” da Pitty podem ser utilizadas como recursos metodológicos e didáticos para as aulas de Sociologia.

Pontarolo (2009) argumenta que as bandas brasileiras dos anos 1980 produziram canções que tratavam dos anseios e insatisfações dos jovens, enfatizavam a necessidade da liberdade de expressão e da democratização do país. O autor cita como exemplos duas músicas que faziam críticas sociais bem construídas, “Comida” dos Titãs (1987) e “Que país é este” da Legião Urbana (1987).

5 | ROCK COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA APRENDER SOCIOLOGIA

Duque (2017) demonstra que a canção (música) como manifestação cultural é uma forma de demonstrar ações, pensamentos e falas de um determinado tempo ou lugar, sendo ainda o retrato de uma determinada época. No caso brasileiro, Duque afirma que a música é ainda mais popular e acessível do que a literatura, o que facilita o acesso dos alunos a essa forma artística, conforme demonstram dados sobre o número de livros lidos anualmente pelos brasileiros, em que somente 52% da população lê e eles leem menos de cinco livros do ano, segundo pesquisa do Centro Nacional do Livro (CNL) de 2019.

O olhar de Duque está voltado para as aulas de História, contudo ajuda para que se pense o uso das músicas nas aulas de Sociologia. Esse autor destaca que a música é uma espécie de fonte histórica, que permite que os alunos pensem sobre o passado, mas que devem ser utilizadas como forma de análise e crítica sobre um determinado período histórico. Duque faz uma consideração relevante sobre um cuidado que o professor deve ter ao utilizar uma música em uma aula:

Na atividade em sala de aula, devemos levar em conta que existe uma grande possibilidade de haver diferenças significativas entre o que é ouvido pelos alunos e o que é do conhecimento (ou mesmo do gosto) dos professores no que diz respeito a estilos musicais. Nesse sentido, cabe o investimento em um processo de aproximação entre o que os educandos usualmente ouvem, o que os professores podem trazer, e aquilo que pode ser utilizado como fonte primária em sala de aula. Tal exercício inicial pode envolver temáticas,

estilos, ritmos ou qualquer outro aspecto de uma canção que pode servir de elo entre a realidade do aluno e o tipo de fonte sonora trabalhada pelo professor. (DUQUE, 2017, p. 299).

Ao se utilizar uma música em sala de aula, o professor, segundo Duque (2017), deve levar em consideração as referências histórico-culturais e perceber os elementos do cotidiano, da cultura e da sociedade que estão presentes na música. O docente não pode esquecer que a música é um elemento passível de análise, de crítica e de discussão.

Como a música é um dos fenômenos mais relevantes das culturas juvenis torna-se interessante utilizá-la em aulas de Sociologia para jovens que cursam o Ensino Médio. A música pode ser uma forma de tornar a aula de Sociologia mais atrativa e interessante e de estimular o debate e o pensamento crítico sobre certas temáticas. A música pode inclusive permitir que os alunos reflitam sobre o seu cotidiano, pois ela é uma forma de expressão e de crítica social. Por exemplo, a música permite que na aula de Sociologia se trabalhe a diversidade cultural e étnica presente na sociedade brasileira.

Um dos tipos de música que pode ser utilizado nas aulas de Sociologia é o Rock. Sobre ele, Almeida (2018) faz importantes observações: “O fato é que nenhuma outra música esteve tão sintonizada com a realidade do seu tempo quanto o Rock. Desde os anos 1950, ele passou a ser um espelho da sociedade, refletindo a moda, o comportamento e a atitude das pessoas.” (pág. 22).

O Rock como expressão artística traz uma rebeldia em relação aos padrões construídos socialmente. Em um tipo de rock isso se torna ainda mais envolvente é o caso do Punk Rock, conhecido também como Rock Operário. Tal como demonstra Martins Ferreira (2010), a música ao ser utilizada como ferramenta de ensino possibilita o desenvolvimento nos alunos de algumas sensibilidades mais aguçadas para que se possa observar questões próprias da disciplina em que ela é utilizada.

Moraes e Guimarães (2010) argumentam sobre a relevância do uso da música nas aulas de Sociologia:

“Conceitos sociológicos podem ser introduzidos ou reforçados a partir do sentido expreso ou mesmo subentendido nas letras trabalhadas¹. A música é um recurso financeiramente acessível, disponível à maioria das escolas e que aguça a capacidade de análise em relação a situações, capaz de superar as dificuldades presentes nos textos didáticos, levando-se em conta que as letras analisadas não foram escritas com esse propósito, mas com intenções as mais diversas. A partir da inspiração pessoal do artista que escreveu os versos, a análise sociológica que deles provém pode remeter às mais diferentes questões da vida social.” (Pág. 58).

Além disso, a música pode ser utilizada como um recurso complementar às leituras de materiais didáticos, visto que ela pode facilitar o entendimento de conceitos e das relações sociais. Não se pode esquecer que a música pode ser uma estratégia para ampliar o interesse dos alunos pela Sociologia e pelas discussões feitas nas aulas desse

componente curricular, visto que ela traz outros elementos para a reflexão dos alunos.

Sobre a música nas aulas de Ciências Sociais, Moraes (2018) traz algumas interessantes contribuições:

“... entender a música na escola como meio de interação e transformação das identidades dos jovens, pensando a música como uma ação social que faz parte da interação/comunicação de muitas culturas juvenis, como prática que corrobora na construção de suas subjetividades e identidades.” (Pág. 1).

Moraes (2018) compreende a música como recurso pedagógico que permite a construção do conhecimento de forma crítica e reflexiva. O autor ainda afirma:

“As músicas podem servir de ponte para a afirmação das identidades dos jovens que ainda se sentem intimidados com o processo de negação de suas vivências na sociedade e na escola, sendo que essa afirmação de identidade é essencial no processo da aprendizagem, ou seja, para que um indivíduo aprenda algo é necessário querer aprender, ter gosto por aquilo, ver sentido naquilo que aprende. E para tudo isso se materializar, é preciso, no mínimo, que suas identidades sejam reconhecidas.” (Pág. 03).

No entendimento de Moraes (2018), a música deve ser utilizada como ferramenta pedagógica porque faz com que os alunos se sintam mais atraídos pelas aulas e pelo fato de que a música é um dos únicos meios artísticos que os alunos conseguem ter acesso. Além disso, a música pode ser usada nas aulas de Sociologia como um meio de incentivar o pensamento crítico (perceber relações históricas, políticas, econômicas e culturais) dos jovens e de relacionar a realidade social com os conceitos trabalhados durante as aulas, especialmente de se compreender os problemas sociais, culturais e políticos de uma sociedade. Desta forma, a música cria formas de perceber o mundo.

Moraes vê a arte, mais especificamente a música, como uma forma de dialogar com as variadas identidades juvenis que são construídas em diversos espaços, inclusive na escola. Ele demonstra que a música é um meio de entender e transformar as vivências dos jovens durante as aulas de Sociologia, além de produzir interações sociais e desenvolver novas subjetividades.

A música não pode deixar de ser vista como uma forma de construção da identidade dos jovens e quando ela é produzida por eles é um mecanismo de protagonismo dos jovens. Moraes considera que a música é uma forma de gerar diálogos com os ambientes políticos produzidos por juventudes em diversos tempos e espaços, nestes espaços que se verifica o rock ser relevante.

Além de Moraes, Paiva (2016) argumenta que a música pode ser um rico instrumento para a aprendizagem dos saberes sociológicos durante o Ensino Médio. Sobre a importância da música como ferramenta de ensino, Paiva afirma:

“A música também é um veículo de utopias sociais, um componente cultural e também é filha do seu próprio tempo. Porém, é necessário ter a clareza que nem toda música tem a preocupação sociológica e política de passar uma mensagem, nem discutir algo.” (Pág. 28).

Moraes (2018) afirma que a música ao ser utilizada nas aulas de Ciências Sociais no Ensino Médio (mais especificamente de Sociologia) contribui para a construção das subjetividades e identidades dos jovens. Assim, na visão do autor a música é uma forma de construir conhecimento de forma lúdica, crítica e reflexiva.

6 | RELATOS DAS PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES DO PROJETO NA PÁGINA DO INSTAGRAM

Em seu primeiro momento, em 2019, o projeto de extensão realizou encontros presenciais semanais com a presença de docentes e discentes. Por meio de debates/discussões efetuados em forma de bate-papo, e com o suporte de materiais audiovisuais, as reflexões seguiram os trâmites apropriados às habituais expectativas burocráticas e institucionais.

No ano de 2020, em um contexto de excepcionalidade devido à pandemia da COVID-19, o projeto de extensão passou a ser realizado de forma remota a partir de uma página no Instagram (@projektorckifc). O aluno bolsista do projeto, Thalles Gabriel Felipe, fez vídeos em que tocou e cantou músicas de várias bandas e publicou nesta página do Instagram. Usar as redes sociais permitiu dar uma outra visibilidade ao projeto, pois pessoas de outras regiões puderam interagir com o projeto e os vídeos das músicas tocadas pelo aluno bolsista fizeram com que muitas pessoas pudessem conhecer mais sobre o rock e sobre as reflexões produzidas em canções de rock.

Além disso, foram produzidos vídeos que fazem reflexões sobre Rock e Sociologia e postados no Instagram. Os temas foram os seguintes: análise da música “Pulso” do Titãs para pensar o isolamento social; história dos The Beatles e dos Rolling Stones; análise da produção artística do Aborto Elétrico; reflexões sobre o rock brasileiro dos anos 1980 e 1990. Houve postagens sobre como o rock aborda o futebol e foram produzidos conteúdos sobre o Dia da Consciência Negra.

No dia 08 de maio de 2020, a página do projeto no Instagram postou um vídeo do aluno bolsista cantando a música “Lava uma mão, lava outra” de Arnaldo Antunes, que ficou conhecida com o programa infantil “Castelo Rá Tim Bum” da TV Cultura nos anos 1990. Durante a pandemia lavar as mãos é uma importante medida de prevenção.

No Instagram foi feita uma homenagem a um dos primeiros roqueiros, Chuck Berry, com a música “Johnny Bee Goode”, que foi tocada pelo bolsista do projeto de extensão. O rock dos anos 1960 foi homenageado pelo projeto com a canção de “You are my sunshine” de Johnny Cash e com Pink Floyd através do instrumental da música “Wish you were here”.

Para tratar do rock dos anos 1970, abordou-se o Ramones, banda que fez muito sucesso e que permanece sendo ouvida pelos amantes do rock. O bolsista do projeto tocou a parte instrumental da música “Blitzkrieg Bop”.

Como primeira reflexão sobre o rock brasileiro houve uma homenagem aos Mutantes com a música “Ando meio desligado”, que foi tocada e cantada pelo bolsista do projeto.

Em seguida houve uma homenagem a Rita Lee com a música “Desculpe o auê”, que foi cantada e tocada por um estudante de jornalismo, que acompanhava as publicações do projeto. Foi realizada uma publicação para o dia do Rock, 13 de julho. Para continuar a homenagem ao rock brasileiro, em 13 de julho publicou-se o bolsista do projeto tocando e cantando “Metamorfose ambulante” do Raul Seixas.

Em 04 de agosto foi publicada uma canção do Queen, “Somebody to love”, para homenagear essa importante banda inglesa.

No dia 13 de agosto foi contada por meio de um vídeo a história da banda Aborto Elétrico, que existiu entre 1978 e 1981 e teve Renato Russo, como vocalista. No dia 17 de agosto publicou-se um vídeo do bolsista do projeto tocando “Fátima”, importante sucesso do Aborto Elétrico. No mesmo dia, o projeto se solidarizou com os moradores de Tangará – SC, cidade vizinha a Videira, que enfrentou dias antes um tornado, que gerou muita destruição no município.

No dia 30 de agosto abordou-se na página do Instagram a história da banda Legião Urbana e a sua relevância artística e de reflexão sobre a sociedade brasileira e suas contradições. A Legião Urbana cantou em suas canções ideais que motivam jovens até a atualidade e as angústias sofridas pela juventude. O bolsista do projeto apresentou em vídeo a canção Tempo Perdido.

Em 05 de setembro apresentou-se um pouco da história do rock produzido no Brasil nos anos 1980. Depois abordou-se a história dos Titãs, que foram importantes nos anos 1980 e o bolsista do projeto tocou e cantou a canção “Enquanto houver sol” da banda paulista.

No dia 30 de setembro foi produzida uma reflexão sobre a vida e obra de Cazuza, relevante nome do rock nacional por suas músicas, seja na carreira com o Barão Vermelho seja em sua carreira solo. Cazuza falava sobre amor, amizade e críticas sociais em suas canções. Em primeiro de outubro, um seguidor do projeto tocou e cantou “Exagerado”, canção de autoria do Cazuza e que fez sucesso com o Barão Vermelho.

Em 04 de outubro se homenageia Janis Joplin, que neste dia havia completado 50 anos de seu falecimento. Joplin foi considerada a maior cantora de rock dos anos 1960. No dia 06 de outubro, devido ao falecimento de Eddie Van Halen, a página publicou uma homenagem a este importante nome do rock.

A página retomou a publicação de análises sobre nomes importantes do rock brasileiro. Em 12 de outubro se publicou sobre a vida e obra da roqueira baiana, Pitty. Em 15 de outubro foi publicado um vídeo em que o bolsista do projeto canta e toca a música “Me adora” da Pitty.

Em 22 e 23 de outubro foram tratadas pela página as relações entre o rock e o futebol. Importantes artistas brasileiros e estrangeiros foram homenageados em publicações de 19 e 20 de novembro devido ao Dia da Consciência Negra, como Chuck Berry e Jimi Hendrix, Elza Soares, Ivone Lara e Gilberto Gil.

No dia 04 de novembro, o bolsista do projeto cantou e tocou a música “O segundo sol” de Cássia Eller, importante voz feminina do rock brasileiro. Em 14 de dezembro encerrou-se às publicações na página do Instagram com um vídeo do aluno do projeto cantando e tocando a música Astronauta de Mármore da banda Nenhum de Nós.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2019 o projeto de extensão em questão realizou encontros presenciais semanais e, em 2020, devido às condições adversas provocadas pela pandemia de COVID-19, e por meio de 39 postagens publicadas no Instagram, foram dinamizadas remotamente as respectivas reflexões sociológicas sobre o rock.

Levando em conta o conjunto de discussões acadêmicas acerca do estudo e da utilização de novos recursos e ferramentas pedagógicas que podem ser empregados no planejamento e execução de didáticas formais de ensino, mais especificamente no que se refere à disciplina de Sociologia, trouxemos neste espaço uma reunião de abordagens científicas, e relatos de práticas escolares, que têm a intenção de trabalhar tal temática. Dentre tais abordagens, recortamos analiticamente aquelas que dizem respeito ao aproveitamento que o gênero musical do rock pode ter quanto ao seu uso nos processos de construção do conhecimento no contexto da educação regular.

Pensando a juventude, e considerando o atributo que o rock contempla quanto ao fato de se identificar com uma fase da vida humana que se caracteriza pela busca de liberdade, autonomia e reconhecimento, evidencia-se neste trabalho o potencial que este gênero musical possui em relação ao uso no universo escolar. Partindo de uma proposta que vem ao encontro de se instigar a reflexão sociológica por meio de artifícios pedagógicos mais atrativos e criativos, o rock objetiva “dar asas” à subjetividade e, desta forma, problematizar mais intensamente as questões tradicionais e contemporâneas que esta disciplina abarca. Assim, conteúdos voltados ao estudo da “cultura”, “política”, “economia”, “trabalho”, “tecnologia”, “organização social e familiar”, entre outros, pedagogicamente podem ser otimizados de forma didática em sala de aula com a presença do interesse pelo rock.

Na disciplina de Sociologia, a atual percepção de eficiência quanto ao desenvolvimento das aulas que os professores lecionam e ao respectivo rendimento dos discentes são também reflexos da integração destes personagens com novas perspectivas artísticas para se pensar a coletividade. E é aí que o rock, como forma de pensar o mundo, por exemplo, pode se fazer presente e atuar de forma concreta. A aposta é a de que, além de possibilitar a abertura de um leque de possibilidades didáticas para a disciplina de Sociologia, incrementar-se-á integralmente o processo de formação educacional e se propiciará condições mais dinâmicas para a construção de uma cidadania mais plena, efetiva e que extrapola os limites da escola.

Em contextos de coletividades contemporâneas que convivem com graves

problemas sociais, como é o caso da sociedade brasileira, a contribuição de dinâmicas de ensino que, em seus processos, integram o rock como estratégia educativa, faz-se relevante enquanto presença e enquanto oportunidade. Ademais, nos tempos atuais, assim como igualmente acontecia em outros momentos em que a democracia e as garantias de direitos também se faziam fortemente ameaçadas, torna-se ainda mais pertinente agregar as expressões artísticas, como é o caso do rock, por exemplo, no contexto dos debates e discussões sociológicas escolares.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Lorena Pompei. Estéticas da existência: a moda nos Festivais de Rock (Goiânia Noise Festival e Lollapalooza Music Festival-2008/2009). (Dissertação de Mestrado em Cultura Visual). Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2010.

ALMEIDA, Daniel Ferreira de. O papel do Rock na educação musical de adolescentes: um relato de experiência. (Monografia). Natal: UFRN, 2018.

ANAZ, Silvio. **O que é rock**. São Paulo: Popbooks, 2013.

BERRAS, César et al. Sociologia do Rock e educação universitária na área de comunicação. Artigo publicado na **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1624-1.pdf>. Acesso em 20/03/2020.

CAMARGO, Fausto & DAROS, Thuinie. **A Sala de Aula Inovadora: Estratégias Pedagógicas para Fomentar o Aprendizado Ativo (Desafios da Educação)**. Porto Alegre: Grupo A, 2017.

CHACON, Paulo. **O Que é Rock**. 3. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

DEMARCHI, André Luís Campanha. Legionários do rock: um estudo sobre quem pensa, ouve e vive a música da Legião Urbana. (Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia), UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

DUQUE, Luís Guilherme Ritta. Na trilha sonora da história: a canção brasileira como recurso didático-pedagógico na sala de aula. **Revista História Hoje**, v. 6, nº 11, 2017. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/322>. Acesso em 30/03/2020.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

GATTO, Vinicius Delangelo Martins. Rock progressivo e punk rock: uma análise sociológica da mudança na vanguarda estética do campo do rock. (Dissertação de Mestrado em Sociologia). UNB: Brasília, 2011.

GRANDE, Sérgio Vinicius de Lima. O impacto do rock no comportamento do jovem. (Tese de doutorado). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara, 2006.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos. O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

MORAES, Hiago Iuri de Macedo. Música, escola, juventudes e identidades: reflexões sobre possíveis usos da música como construção de identidades juvenis nas aulas de Ciências Sociais no ensino médio público. **Revista Opará**. Salvador: UNEB, vol. 6, nº 08, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/5010>. Acesso em 02/04/2020.

MORAES, Amaury César; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM – Sociologia. In: **Sociologia: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2010 (Coleção Explorando o Ensino, volume 15).

PAIVA, Marília Luana Pinheiro de. Sociologia e rock: música como instrumento de reflexão em sala de aula. **Revista Café com Sociologia**. Volume 5, número 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/532>. Acesso em 05/04/2020.

PETILLO, Alexandre. **Curtindo música brasileira**. Caxias do Sul: Editora Belas Letras, 2013.

PONTAROLO, Fábio. “Protesto, crítica social e a influência musical do rock’n’roll na música popular brasileira do pós-guerra”. **Revista Voos**, vol. 1, nº 1, 2009.

PRADO, Gustavo dos Santos. **A verdadeira Legião Urbana são vocês: Renato Russo, Rock e Juventude**. São Paulo: e-Manuscrito, 2018.

ROCHEDO, Aline do Carmo. Os Filhos da Revolução: a juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980. (Dissertação de Mestrado). UFF, Niterói, 2011.

ZAN, José Roberto. Música Popular Brasileira, Indústria cultural e Identidade. São Paulo, **Eccos Revista Científica**, ano/vol: 03, número 01, 2001, p. 105-122.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação coletiva 1, 21, 22, 24, 26, 27, 28

C

Cannabis 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 63, 68

Criminalização 21, 22, 25, 28

Cuidado 24, 53, 78, 80, 84, 105, 121

D

Demarcação 90, 91, 92, 93, 97, 98

Doutrina 29, 114, 115

E

Educação 23, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 110, 111, 112, 113, 121

Educação indígena 97, 98

Enfermagem 78, 79, 80, 82, 84, 86, 87, 88, 89

Escolas indígenas 90, 93, 94, 95, 96, 98

Estado 2, 3, 4, 6, 15, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 36, 41, 45, 47, 48, 50, 53, 55, 56, 59, 61, 62, 63, 66, 90, 93, 95, 117

F

Fronteira 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

H

Higiene 78, 79, 84, 87, 89

I

Identidade 1, 21, 23, 28, 77, 101, 102, 107, 112

Illegalismos 58, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 69

Informalidade 58, 63, 64

J

Juventude 68, 101, 102, 103, 109, 110, 112

M

Medidas socioeducativas 78, 79, 80, 81

Mercados ilegais 58, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Metodologia de ensino 99, 112

Movimentos sociais 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29

P

Projeto de extensão 99, 100, 108, 110, 121

Q

Qualidade de vida 24, 78, 79, 82, 83, 84, 87, 88, 89

R

Reconhecimento 90, 91, 92, 93, 94, 97, 100, 110

Religião 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Rock 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112

S

Sociologia da religião 113, 114, 115, 119, 120

Solidariedade 28, 78, 80, 88, 115

T

Território 29, 58, 61, 62, 65, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 102

Trabalho 1, 21, 22, 25, 30, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 91, 100, 110, 116, 119, 121

Transporte 49, 58, 60, 66, 67, 69, 74

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

